

**Autor:**

Agnès Le Gac

**Título:**

*Colas e abrasivos utilizados nas técnicas a têmpera: estudo comparativo das práticas de Portugal em relação à Europa, da Idade Média até aos nossos dias*

**Resumo:**

Quando a Investigação em Ciências Humanas pretende fazer a «arqueologia» das técnicas antigas de produção artística, vê-se muitas vezes confrontada com a carência de certas matérias-primas ou ferramentas outrora utilizadas. Nos processos de reconstituição das técnicas, a substituição de produtos básicos e artesanais dos séculos passados, por produtos industriais hoje de fácil acesso, leva não só a cometer anacronismos que seriam de evitar, como coloca também entraves, na perspectiva da salvaguarda do Património, na verificação de um certo número de situações ligadas a processos mecânicos, às propriedades dos materiais, ao seu comportamento físico-químico (aquando da sua aplicação) e ao seu envelhecimento.

No âmbito da Pintura e da Escultura policromada, é já usual recorrer, na reconstituição de técnicas a têmpera – de que faz parte a técnica de «douramento a água» –, à cola de peixe industrial, à cola de pele de coelho ou à gelatina, que suplantaram há mais de um século variadíssimas substâncias proteicas de origem animal bem documentadas desde a Idade Média, ou às lixas de papel e de tela, que substituíram progressivamente diversas substâncias abrasivas naturais, de uso também secular.

Mas se «a obra de arte é matéria antes de ser mensagem» (*l'œuvre d'art est matière avant d'être message*), como o declara Madeleine Hours, a nossa busca da autenticidade material das produções humanas não deveria se contentar com sucedâneos, mas antes tender em redescobrir as suas características peculiares, tais como a qualidade de uma encolagem ou aglutinante pictórico, a qualidade do grão de uma superfície ou ainda a qualidade de gestos hábeis, que garantiam a «decência» e a durabilidade intrínseca dos bens que nos foram legados.

Consciente da importância de que se revestiam, em particular nos períodos gótico e barroco, as colas e os abrasivos nos trabalhos preparatórios das obras em madeira, para dourar os retábulos e dar cor à imaginária religiosa exposta no interior dos templos, a autora desta conferência julgou oportuno investigar estas substâncias, então utilizadas pelos pintores e douradores, em Portugal e no «Mundo» que o rodeava.

Esta abordagem pretende assim colmatar uma lacuna há muito sentida, dando, no tema escolhido, o seu devido lugar às práticas culturais de Portugal no contexto europeu.

A investigação foi levada a cabo em três fases, sendo que a primeira recolheu de forma sistemática todos os termos susceptíveis de designar tais substâncias adesivas e abrasivas, tanto na consulta de contratos assinados por artistas e comitentes das obras, como através de tratados de Pintura e Escultura, receituários e compilações de segredos, dicionários especializados em ciências e artes, e livros técnicos mais recentes do princípio da era industrial. No estudo comparativo delineado, tentou-se encontrar, na versão original e traduções das fontes consultadas, os equivalentes lexicais, materiais ou técnicos, para avaliar com a maior exactidão o número de produtos existentes.

A segunda fase resgatou segredos perdidos em torno da produção de colas e abrasivos, a partir das formulas que propõem vários autores nacionais e estrangeiros, para conhecer melhor a natureza dos materiais, identificar eventuais regionalismos, especialidades locais ou sensibilidades particulares, retratar uma evolução das práticas oficinais conforme as épocas, caso tal se verifique, e compreender uma drástica economia de meios que hoje nos ultrapassa.

Decorrente desta pesquisa, a terceira fase procurou reconstituir e documentar alguns processos caídos em desuso ou prestes a cair no esquecimento, no emprego de matérias brutas ou na sua laboração para adequá-las às necessidades técnicas e artísticas, graças ao *savoir faire* de profissionais idosos, em que o gênio da matéria e das ferramentas foi transmitido de pai para filho durante várias gerações.

Se o resgate de matérias-primas, julgadas totalmente extintas, enriquece indubitavelmente a História da Arte, ele potencia também novas investigações em Ciência da Conservação, para avaliar com maior justeza as componentes das obras de arte e respeitá-las com consciência renovada.